

RESENHA

Cláudio Smalley Soares Pereira

Professor Adjunto do Colegiado de Geografia da Uni-
versidade de Pernambuco (UPE), Campus Petrolina.

clasmalley@hotmail.com

HARVEY, David. *El Cosmopolitismo y las geografías de la libertad*. Madrid: Akal, 2017. 346pp.

(Original: HARVEY, David. *Cosmopolitanism and the Geographies of Freedom*. New York: Columbia University Press, 2009. 352 pp).



O geógrafo britânico David Harvey é um velho conhecido da Geografia brasileira. Um dos expoentes no movimento e renovação crítica da ciência geográfica, os textos de Harvey ganharam traduções e influência no pensamento geográfico brasileiro e um grande respeito e admiração por seus pares em nível global. Todavia, somente há alguns anos que uma parte significativa de sua obra ganhou tradução para o português, como os clássicos *The Limits to Capital* (Os Limites do Capital) e *Paris: capital of modernity* (Paris, capital da modernidade), tendo seu escopo de influência ultrapassado largamente as fronteiras disciplinares, como já tinha ocorrido com *The Condition of Postmodernity* (A Condição Pós-moderna); destarte, uma parte significativa de seus escritos da década de 1980 e 1990 ainda permanecem sem tradução. É o caso do livro que aqui resenhamos, *Cosmopolitanism and the Geographies of Freedom*, publicado em 2009, que ainda não foi alvo das editoras para a realização de uma tradução para o português. No entanto, em 2017 veio a público uma edição em espanhol.

O livro *El Cosmopolitismo y las geografías de la libertad* está dividido em duas partes, além de um prefácio, um prólogo e um

epílogo. A primeira parte, chamada “Valores Universales”, tem cinco capítulos. A segunda parte, “Conocimientos geográficos” por sua vez, tem quatro capítulos. Na primeira parte do livro, a preocupação de Harvey é a discussão de temas contemporâneos à luz de uma perspectiva geográfica. Daí a necessidade de se pautar uma discussão dos valores universais que se colocam numa proposta que vem da tradição de Kant, passando pelo liberalismo, conservadorismo, neoliberalismo, religião, humanismo, socialismo, e todas as utopias que, destarte, se chocam com casos concretos e particulares. Harvey dialoga, então, com vários teóricos de diferentes matrizes que chamam a atenção para a necessidade de se construir respostas e alternativas para o cosmopolitismo universal ancorados em conceituações que, de certo modo, colocam o conhecimento geográfico como central. Todavia, essas teorizações, como a perspectiva pós-colonial, mesmo combatendo o cosmopolitismo liberal, sucumbiram nas construções de oposições que dificultam a elaboração de uma alternativa mais global, como a oposição entre espaço e lugar, duramente criticada por Harvey.

Deste modo, Harvey busca na segunda parte do livro reelaborar os conceitos geográficos que dão sustentação a uma “razão geográfica”. Tal reconstrução se dá a partir dos conceitos de espaço, lugar e entorno, os quais permitem uma compreensão mais sólida das transformações sociais, econômicas e políticas que tem modificado as estruturas espaciais e reproduzido desigualdades geográficas e sociais de riqueza e pobreza. Nesse sentido, Harvey mobiliza o método dialético para compreender o espaço (e o tempo) como uma produção social, material e simbólica, ao mesmo tempo em que elabora uma compreensão do lugar enquanto relacional. Daí a dinâmica do capital, em seus movimentos, fluxos e contradições ser importante nessa empreitada, por permitir uma análise mais ampla das questões que envolvem os Estados, o imperialismo, a urbanização e as cidades, além da própria transformação dialética das condições socioecológicas e do entorno vivido pelos homens e mulheres. Destacamos, no epílogo, uma parte bastante interessante em que o autor discute a questão do indivíduo a partir de uma “teoria geográfica”, sustentando que o mesmo não pode ser compreendido sem as transformações espaço-temporais, isto é, “o indivíduo não existe à margem das complexas dimensionalidades do espaço e do tempo” (p. 290, tradução nossa).

A proposta do autor é buscar construir um cosmopolitismo que tem como fundamento um tipo de conhecimento geográfico crítico e que busque construir novas geografias e liberar espaços. Compreender o mundo dialeticamente por meio de uma teoria geográfica que sirva como base para “consolidar um cosmopolitismo insurgente e subalterno” sugere que “sua geografia tem de experimentar uma transformação tão radical como a que logrou a burguesia coletivamente” (p. 321, tradução nossa). Assim, sem um conhecimento geográfico adequado e crítico, tanto o entendimento da realidade como as suas possibilidades políticas de transformação tornam-se mais difíceis de serem alcançadas.



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e do
Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2020
ISSN 2175-3709